

Estudos arqueológicos do major Celestino Beça

A estrada militar romana de Braga a Astorga por Bragança com várias notícias de antiguidades referentes a esta região

O nosso amigo major Celestino Jacinto de Madureira Beça, nascido em Outeiro, concelho de Bragança, em 1848, e falecido nesta cidade a 20 de Abril de 1910, estava ultimamente muito entusiasmado com assuntos arqueológicos, respeitantes principalmente às estações e trajectória da estrada militar romana de Braga a Astorga, ainda não localizadas adiante de *Pinetum* (Vale Telhas)¹. Neste intuito fez várias investigações sobre o campo, recolhendo documentação, notícias, informações; descrevendo ruínas, castros, locais assinalados por civilizações extintas; medindo com fita métrica a distância entre as mansões de *Roboretum*, *Compleutica* e *Veniaticia*. Destas medições, devido à confusão em que ficaram, nada pude apurar, a não ser que do Porto Calçado a Vinhas são 12:000 metros.

Infelizmente êsses apontamentos, onde há notícias e indicações de valor, ficaram esparsos por dezenas e dezenas de papeluchos avulsos que tencionava coordenar e publicar, não lhe dando porém tempo a doença que o vitimou. O muito amor que votamos a estas cousas e o desejo de perpetuar a memória dêste nosso amigo levaram-nos a pôr em ordem os seus papéis de mérito arqueológico com que os seus herdeiros nos présentearam, gentileza que agradecemos, e depositá-los hemos no Museu Municipal de Bragança, a fim de a todo o tempo se verificar a veracidade do seu conteúdo depois de publicado aquilo que julgamos de utilidade.

Antes, porém, de o fazer achámos conveniente apurar o que havia líquido sobre a parte respectiva do *Itinerário de Antonino*, ao tempo que Celestino Beça encetou os seus trabalhos, e anda disperso mui confusamente por vários autores, aditando-lhe as notas elucidativas e correções que julgarmos convenientes.

Foi Argote² o primeiro que sériamente, com grande cópia de documentação, estudou as três estradas militares romanas que de Braga seguiam para Astorga. Na mais meridional dessas vias, e que passava pelo distrito de Bragança, apenas pôde determinar as estações do *Itinerário* até *Pinetum* (Vale Telhas), por lhe faltarem dali para diante os bons informadores que o haviam auxiliado.

Os escritores posteriores até Pinheiro³, cingindo-se unicamente a trabalhos de gabinete, não disseram cousa de jeito relativamente

¹ [O Museu Etnológico Português deve ao falecido major Beça a posse de alguns objectos muito valiosos. Aproveito esta ocasião para prestar homenagem à memória do benemérito arqueólogo.— J. L. DE V.]

² *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, 1732-1747.*

³ José Henriques Pinheiro, *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga, Porto 1895.*

às mansões que deviam cair no distrito de Bragança. Para melhor elucidação damos a parte respectiva do *Itinerário*¹.

Iter a Bracara Asturicam	mpm CCXLVII
A Aquas	
Pinetum (pineto-XXVIII)	mpm XX
Roboretum (XXXIII)	mpm XXXVI
Compleutica (Conpleutica, Compleutica-XVIII-XXV XXVI-XXXIII)	mpm XXVIII
Veniatia (ueniacia, uemacia)	mpm XXV
Petavonium	mpm XXVIII
Argentiolum	mpm XV
Asturica	mpm XIII

Ainda para, em simples lance de olhos, se poderem comparar as divergências dos diversos autores que se guiaram por estudos de gabinete e não pelos de campo, como era indispensável, pois aqui o documento, o miliário, é que fala e não as conjecturas, as ruínas mais ou menos romanizadas, as distâncias achadas a compasso sobre cartas geográficas, a aproximação dos nomes actuais dos sítios com os antigos do *Itinerário*, damos em mapa a seguinte:

¹ Hübner, *Notícias Arqueológicas de Portugal*, p. 98. As partes entre parênteses indicam diversa grafia e distância noutros códices.

Localização das estações do Itinerário de Anto

Estações	Argote ¹	Cornide ²	Sibelo	Reichardt e Uckert ³	Cortez ⁴	Lapie ⁵
Ad Aquas	Chaves	-	Chaves	Fonte Arcada na Lusitânia	Chaves	Trindade
Pinetum	Vale Telhas	Pinheiro Velho	Vale Telhas	Pinhel na Lusitânia	Pinheiro ou Viana	Mirandela
Roboretum	-	Robledo (Espanha)	Robledo (Espanha)	Robredo junto a Moncorvo	Robledo (Espanha)	Bragança
Compleutica	Lubian (Espanha)	-	Gondesende	Gebelim	Compluto	Villa Vieja (Espanha)
Veniata	-	-	Veceana de Sanabria (Espanha)	Vinhaes	Varzana	Requejo (Espanha)
Petavonium	Em Espanha	-	-	Em Espanha	Poybueno	Poybueno
Argentiolum	Em Espanha	-	-	Em Espanha	Andriñuela	Andriñuela
Asturice ⁶	-	-	-	-	-	-

¹ *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, t. I, pp. 359, 369, 407, 412 e t. II, p. 592.

² José Cornide in *Revista Archeologica*, 1888, vol. II, citado por Aureliano Guerra y Orbe.

³ Cristóvão Aires, *Historia do Exército Português*, vol. II, Documento A, p. 476.

⁴ Aureliano Fernandes Guerra y Orbe, *Revista Archeologica*, vol. II.

⁵ José Henriques Pinheiro, *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga*, 1895, pp. 50, 52, 104, 112, 118.

⁶ Todos concordam em Astorga.

nino (parte respectiva) segundo diversos autores

Bellarmann ²	Saavedra	Guerra y Orbe ⁴	Pinheiro ⁵	Dellamarche	Charles
Anciães	Chaves	Chaves	Chaves	-	-
-	Pentes	Pinheiro Velho	Vale Telhas	-	-
Rebordãos	Vale Telhas	Robledo (Espanha)	Rebordãos	Moncorvo	Rebordãos
-	Castrello (Espanha)	Ao oriente de Bragança	Sacoias	Izeda	-
-	Birne (Espanha)	Despovoado de Peña de Castillo, termo de Boia, Zamora	Vinhaes	Vinhaes	Em Espanha
Em Espanha	-	Despovoado de Sansueña entre Villageriz e Rossinos	Poebla de Sanabria	-	-
Em Espanha	-	Despovoado entre Villamontan e Tabuyello	Em Espanha	-	Puebla de Sanabria
-	-	-	-	-	-

Uma tal diversidade de opiniões em assunto de tanta monta poderia levar espíritos menos avisados a julgar irrisórios os processos arqueológicos de investigação científica e consequentemente a recusar-lhe esta qualidade, quando afinal a culpa está apenas na pressa daqueles investigadores de gabinete, que, dando largas à imaginação conjectural, não tiveram paciência para ir coligindo todos os elementos indispensáveis fornecidos dia a dia pelas pesquisas no campo, antes de emitirem opinião definitiva.

De maneira que desde Argote (1732-1738) que escreveu sobre conscienciosas investigações feitas no terreno, embora nem sempre bem estudadas, até Pinheiro (1888-1895), nenhum trabalho a valer apareceu sobre o particular da região bragançana, servindo apenas os que a ela se referem antes de confusão que de guia.

Cabe ao nosso antigo professor José Henriques Pinheiro¹, falecido no Pôrto a 7 de Outubro de 1904, a honra de descobrir em 1888 os dois primeiros miliários da estrada militar romana por terras de Bragança, e a de despertar entre nós o gosto destes estudos.

Um desses miliários é de Augusto e tem importância especial, porque mostra como esta foi uma das primeiras vias construídas, e porque, do mesmo imperador, só perdura outro ao norte do Douro. É pena que, sendo o documento mais genuíno e antigo da importância desta região, permaneça exposto às influências meteorológicas que pouco a pouco o vão delindo, na cêrca da Escola de Habilitação, ao Magistério Primário em Bragança, sem mão piedosa que se amercie de tam valioso padrão, recolhendo-o no Museu com honras de primacial reliquia.

Em 1898 encontrava Albino Lopo em Babe o miliário de Adriano².

Em 1899 descobriamos nós o miliário do imperador Caro em Gimonde³.

Em 1900 acha Celestino Beça o miliário de Maximiano em Formil⁴, o de Soeira e o de S. Viteiro em Hespanha, adiante publicados pela primeira vez.

Em 1907 aparecem dois miliários em Lamalonga, sendo um deles do imperador Constâncio Cloro⁵.

São estes, no momento presente, resenhados por ordem cronológica do seu aparecimento, os factores que há para a solução do problema geográfico da via militar romana por terras bragançanas. E na verdade, tendo presente o miliário de Vinhais, apontado por Gruter, hoje desaparecido, mas ainda há pouco, como veremos adiante, existente, é forçoso reconhecer que o problema está quasi resolvido, e, pelo menos sem dúvidas, no espaço compreendido entre Vinhais e Vinhas, ou seja em mais de 50 quilómetros, pois os miliários de Vinhais, Soeira, Formil, Castro de Avelãs, Gimonde, Babe e S. Vi-

¹ *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga*, Pôrto 1895.

² *O Arch. Port.*, iv, 342.

³ *Idem*, v, 136.

⁴ *Idem*, vi, 148.

⁵ *Idem*, xii, 163.

teiro permitem marcar no terreno, quasi passo a passo, o traçado da via.

Vê-se pois que foram prematuros todos os traçados constantes do mapa anterior na parte referente ao nosso objectivo e também os de Pinheiro¹ e Albino Lopo², pois lhe faltam em grande parte documentos autênticos que confirmem a sua veracidade.

A aproximação dos nomes Vinhais e Rebordãos com a Veniátia e Roboretum do *Itinerário* certamente entrou por muito no prurido de se abalancarem ao problema; mas, por este teor e mais seguramente, como mostram os documentos, Vinhas a confinar com S. Viteiro, em Espanha, onde se encontrou o miliário, não se aproxima menos além de ficar mais em harmonia com as distâncias apontadas no *Itinerário*, e o onomástico regional mostra-nos Revoredo de Vacas em Ervedosa³, Fonte de Revoredo no termo de Vimioso⁴, Reboredo nos termos de Milhão e Moncorvo. De mais Rebordãos significa propriamente «mata dos castanheiros» e Roboredo «mata de carvalhos». A castanha rebordã, variedade assim designada pelo nosso povo, é bem caracteristicamente distinta da outra, e muito mais saborosa.

Donde se vê que Roboredo permaneceu na toponímia com o nome de carvalhal, a que também se daria o de *carva* e *carvas*, como eu ouvi em Rio Frio de Outeiro, quando formado de carvalhos de pequena altura, rasteiros, *carvalheiras*, como aqui se diz. Daqui trará origem o nome da *ponte das Carvas*, perto de Bragança.

O defeito de Pinheiro esteve em se aventurar a dar-nos o traçado da estrada, guiado apenas pelos miliários de Castro de Avelãs, e, persuadido de que Roboretum devia ser em Rebordãos, para lhe ajustar as 54 milhas do *Itinerário* ou sejam 13 e meia léguas, segundo Argote, que medeiam entre essa estação e a de Viniatia, sendo que de Rebordãos a Vinhais haverá quatro, levou a estrada por Alfaião, Babe, Sacóias (onde situou *Compleutica*), Rabal, Meixedo a dar no Castro de Avelãs, descrevendo assim quasi uma circunferência para vir intestar em Castro de Avelãs com Rebordãos, donde partira a menos de uma légua, rodeio inverosímil e injustificável, cheio de caboucos, despenhadeiros, cõrregos, ribeiros, rios e montes, de mais de 35 quilómetros, quando de Rebordãos a Sacóias, em linha recta, caminho plano e facilimo, são 15, cortando apenas dois rios, ao passo que por aquele traçado atravessava oito, muito caudalosos de inverno.

Estranhável é ainda como de Castro de Avelãs a Vinhais a fez seguir em linha recta, e fazendo aí ponto ou vértice de ângulo extrinsecamente agudo veio dar com ela no Portelo, a duas léguas de Sacóias, depois de a arrastar por mais de catorze no percurso desse ângulo.

¹ *Estudo da Estrada Militar, etc.*

² *O Arch. Port.*, v, 136 e xii, 164.

³ Ver as nossas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, III, 67.

⁴ *Idem*, iv, 267, 381 e 384.

É certo que Pinheiro em quasi todos estes pontos encontrou ruínas romanas; mas isso só não basta: são necessários miliários que não fôsse desloçados ou pelo menos que o não fôsse notavelmente.

Realmente os miliários de Babe e Soeira, mostrando que a estrada passava por êsses sítios, deram razão a Pinheiro e a Sibelo, que coloca Compleutica em Gondesende, muito perto de Soeira, mas a trajectória inculcada pelos padrões é muito outra, se bem que aqueles pontos a cortam por acaso; e ao tempo faltavam-lhe documentos precisos para tais afirmações, só muitos anos depois encontrados, que por isso ficaram reduzidas a simples palpites. ¿Que consciência teria Sibelo do seu traçado, visto localizar a estação de Compleutica antes da de Roboretum?

Albino Lopo foi mais feliz, porque calculava já sobre elementos trazidos pela descoberta de novos miliários; no emtanto o seu traçado de Lamalonga a Gimonde por Rebordãos não passa de mera conjectura despida de bases scientificas.

Ora é de saber mais que Guerra y Orbe¹ quere que as dez cidades mencionadas na inscrição da ponte de Chaves tivessem concorrido, imperando Vespasiano, para a construção de uma estrada entre os Lucenses e os Vettones, desde o Padron (Iria Flavia) por Caldas de Reis (Aquae Celenae), Cusanca, Carbalino, Irense (Aobriga), S. Pedro, Verim, Chaves (Aquae Flaviae) e daqui à margem do Douro entre a desembocadura do Sabor e Tuela naquele rio, e que foi para comemorar êste facto que a inscrição se gravou.

Seja o que fôr, esta estrada, hipótese nova não despida de engenho, mas sem documentos que a justifiquem, não vem ao nosso caso. É mui provável que o sistema viário romano, como o nosso, ligasse numa espécie de rede, cruzando-se em vários sentidos, os povoados importantes, porêm aqui tratamos simplesmente da mencionada pelo *Itinerário*, única que deixou documentos da sua passagem; das outras nada consta.

Ajudando à conjectura dêste traçado, diz Guerra y Orbe, e também Bellermann, que o nome da nossa antiga vila de Anciães significa «vila velha, antiga» daí a razão de a ligar pela estrada; mas o bom é que o foral dado a esta vila por el-rei D. Fernando Magno² escreve *Ansilianes*, donde se vê que não é de velhos que provêm o étimo, mas sim do genetivo *Ansilanis* (*Ansilianes*), para indicar propriedade (*fundus*) do tal primeiro morador que legou o nome à terra: e a boa ortografia é *Ansiaes*, e não *Anciães*, como geralmente se escreve.

Antes de terminar desejamos advertir o seguinte:

Celestino Beça, segundo se vê por êste trabalho, e Albino Lopo (*O Arch. Port.*, XII, 164), dão como romanas a ponte de Ariães, a velha sobre o Sabor (ponte das Carvas) e a velha de Gimonde. Não conheço as pontes de Val Telhas, de Arquinho e da Pedra, que o segundo aponta igualmente como romanas.

¹ *Las diez ciudades Bracarense nonbradas en la inscripción de Chaves*, in *Revista Archeologica*, 1888, vol. II.

² *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, p. 343.

Pelo que toca às três primeiras digo: a de Ariães é toda de alvenaria ligada por argamassa, incluindo as aduelas dos arcos. Consta de três olhais, de ogiva de lanceta os dois primeiros para o lado da povoação de Castro de Avelãs, e de volta redonda o terceiro. Cortamares, em ângulo agudo a montante e de secção circular a jusante, reforçam os pegões. O tabuleiro de trânsito é levantado no meio em ângulo a fim de facilitar o despejo das águas para as extremidades da ponte. As guardas são muito altas, talvez 1^m,50. Na base das abóbadas dos olhais vêem-se ainda os agulheiros destinados a segurar os barrotos das cambotas, ou seja uns buracos como os que os pedreiros deixam nas paredes vasados de lado a lado para formar as estadas e tapam depois de concluída a obra. Ora esses agulheiros são característicos das pontes medievais. Conquanto a ogiva, dominante desde o séc. XIII ao XV e pouco mais, devido às zonas retardatárias, não caracterize, só por si, o estilo gótico, mostrando-se até o seu início três ou quatro séculos antes, ainda assim dista muito dos Romanos para lhe adscrevermos a ponte de Ariães. Por outro lado sabe-se que as almofadas rústicas são características das pontes romanas, e a de Ariães não tem uma única. Por estas almofadas, de óptimo efeito estético nas cambiantes do claro-escuro, aligeiravam os architectos a monotonia das superfícies lisas. Outra característica das pontes romanas são os vincos do *forfex*, espécie de guindaste para levantar as pedras segurando-as por esses vincos ou pequenos buracos, redondos e afunilados uns, de secção triangular outros; mas na ponte de Ariães não há tais vincos. Comprovando o supradito hajam vista as pontes caracteristicamente romanas que ainda restam; a magistral descrição feita por Alves Pereira (*Arch. Port.*, XVII, 211) e entre nós a notável ponte de Chaves, onde tam garbosas se apresentam as almofadas e à vista saltam logo as marcas do *forfex*. Do exposto parece-nos poder concluir-se que a ponte de Ariães é medieval e não romana.

A ponte velha sôbre o Sabor, perto de Bragança, conhecida por ponte das Carvas, formada sôbre três arcos em ogiva de lanceta, é igualmente toda de alvenaria argamassada; guardas mais baixas do que as da antecedente, se bem que o aspecto geral da ponte é de notável solidez, ancas fortes e robustas, agora muito mais aumentada pela hera que a reveste quási toda e pende em vistosos festões e grinaldas de verdura sôbre a corrente. Tabuleiro de trânsito horizontal: agulheiros na base da abóbada do olhal do centro; os dos outros dois desapareceram por subsequente, reconstrução bem evidente. Nem almofadas rusticadas; nem vincos do *forfex*; portanto, como a antecedente, deve ser medieval, talvez do séc. XIII-XIV.

A ponte velha de Gimonde sôbre os rios Igrejas e Contense, também dito *Malara* (mas só pela gente de Gimonde), já unidos e formando um só, é igualmente de alvenaria e argamassa. Consta de seis arcos de volta redonda; não tem agulheiros e o tabuleiro levanta ligeiramente no centro da ponte, mas não tam pronunciadamente como a de Ariães. As guardas, mais altas do que a da das Carvas, tem de espaço a espaço, medidas na grossura da parede, grandes pedras postas de pé à laia de pilares ou balaústres. Nem almofadas rústicas, nem marcas

do *forfex*. Do lado de Gimonde, distante dos olhais, tem um óculo em arco destinado a dar passagem à água de um açude, hoje arruinado mas ainda bem cognoscível, que fica pouco acima e vinha ser utilizado para o moinho a jusante da ponte nova, na estrada a macadame, que para o mesmo fim apresenta um pequeno arco. Ainda mesmo que toda a gente em Gimonde não indicasse, como indica, o fim destes arcos — passagem de água para o moinho — a sua distância dos outros e da corrente do rio mostra que logo se deixaram com êste destino. A vista do exposto preguntamos: ¿É romana, é medieval esta ponte? Não encontramos sinais característicos que nos autorizem a afirmar uma ou outra cousa.

Ao seu lado parece faltar-lhe o conspecto de vetustez, a patina dos séculos que imprime no espírito a nota cronológica. Não sei porque, mas sugeriu-me a visão de relativamente moderna.

Cem metros pouco mais ou menos abaixo desta ponte entra nos dois rios — Igrejas e Contense — já unidos o Rio Frio, dominado junto à foz por outra ponte, agora em ruínas, mas ainda visíveis os encontros, que vão entestar com a ponte nova na estrada de macadame, a qual tornou dispensável a reconstrução daquela; não assim antes, visto ser uma o complemento da outra.

¿Como é crível que os Romanos, tam hábeis architectos, exímios cultores utilitaristas, podendo com uma só ponte dominar os três rios, segundo agora a da estrada nova mostra, não vissem isso e fôsem despendar em duas mais do que gastariam numa que assim, pela feição monumental de obra limpa e completa a que se prestava, tanto devia sorrir ao seu espírito de grandeza?

¿Não ver isso, quando diante dos olhos, no pègão da segunda ponte, quási podia ficar, como agora, na da estrada a macadame, o da ponte única? Acho que não devemos fazer essa injustiça aos seus architectos. Nem se argumente com haver exemplos de quererem subjugar mais fácilmente os três rios procurando a sua divisão, porque, desconhecidos nas corografias, vadeáveis a pé enxuto no verão, só juntos e por favor merecerão tal nome, além de que a ponte nova lá está mostrando a inanidade de tal argumento.

A nosso ver foi uma questão de economia rural a determinante das duas pontes. A povoação de Gimonde não podia utilizar nem valorizar a parte mais importante e fértil do seu termo — as encostas vinhateiras do rio Igrejas, nem as pingues leiras de Malara —, acrescentando ainda como robor a utilidade dos pequenos povoados de Labidos e Guadramil, muito distantes é verdade, mas, para o efeito de carregar a pretensão ante as estações superiores, não despicienda.

Tudo isto inculca época construtiva de bonança, já infiltrada por assuntos de fomento agrário, sempre os últimos na mente dos dirigentes e consequentemente achegada aos tempos modernos. É de ver que os romanos não se estariam a prender com essas cousas numa estrada militar; quando muito lá ficaria isso para as vicinais (*viae vicinales*) ou para as agrárias (*viae agrariae*).

Demais, o pequeno arco deixado no pano da ponte para dar passagem à água do moinho, mostra que êste é mais antigo ou pelo

menos coevo daquela: ora os moinhos de água (hydroletes) só se generalizaram em Roma no séc. IV da nossa era¹ quando as vias militares estavam concluídas, além de que a de que tratamos começou no tempo de Augusto, como mostram os miliários.

Parece, pois, que a ponte velha de Gimonde não é romana, nem medieval, antes relativamente moderna.

P.^o FRANCISCO MANUEL ALVES.

Roboretum

A dois e meio quilómetros para O. da pitoresca vila de Vinhais, no distrito de Bragança, província de Trás-os-Montes, encontra-se um monte em que está situado um *castro* em ruínas.

Subindo a encosta a uns 800 metros, chega-se à pequena povoação do Castro de Soutelo, que toma o nome do castro que está acima no monte e da povoação de Soutelo, que dista 930 metros para N. Aquela povoação é composta de 15 casas (9 fogos) e da capela de Santa Bárbara, da qual ulteriormente falaremos.

Subindo mais 200 metros, chega-se ao planalto do monte aonde existe parte das ruínas duma cidade fortificada, que seria *Roboretum*, estação romana aonde se fazia uma etape da estrada militar de Braga a Astorga, derivando o seu nome da extensa mata de carvalhos que a circundava e seguia até o bairro do Carvalhal da vila de Vinhais, donde o dito bairro tomou o nome².

A fortaleza é alcantilada por E., S., O. e E. em parte; a natureza empenhou-se em a circundar de rochedos, e alguns de disformes dimensões. A Cidadelha é cercada por um muro de espessura de 2 metros, que se acha quasi todo demolido.

O lado N., onde eram as portas da Lagoa, era a parte fraca da fortaleza, sendo preciso protegê-lo com duplo fôssco, medindo o primeiro de O. para E. 50 metros chegando só a uma tórre da fortaleza. O segundo media 60 metros de O. para E. passando pela frente dessa tórre até a rampa no caminho das partes mencionadas, que o intercepta, continuando depois mais 30 metros.

¹ Cagnat, *Lexique des Antiquités Romaines*, artigo «Mola»; Rich, *Dictionnaire*, etc., artigo «Hydroletes».

² *Robur*, is, «o carvalho». Roboretum corresponderá à palavra portuguesa carvalhal? Parece que sim supondo *tum* como sufixo. [Entre os papéis de Celestino Beça aparece uma carta de Emilio Hübner, de 4 de Março de 1900, em que diz: «Roboretum significa carvalhal, mas como há muitos locais dêste nome em sítios diferentes, não serve para fixar a estação dêste nome»].

É à saída destas portas, do lado esquerdo, que se vêem os restos da citada tórre, que tinha a forma circular com um raio de 7 metros, ficando fora da muralha mas contígua a ela. No seu subterrâneo havia uma cisterna que recebia as águas que vinham encanadas de Vale Pereiro, lameiros sitios além de Soutelo a uns 1200 metros de distância.

Esta tórre deveria ser destinada para vigias e emprêgo de almie-naras, conjugando-se sem dúvida com as tórres dos Castrelinhos a SO. com a de Sobreiró de Baixo, com a do Monte da Forca a NO., com a de Rio de Fornos, no sítio das Lamas, a E.NE. e com a tórre do Carvalho, no sítio chamado Rogidouro.

[Em outro papel avulso encontro o seguinte]: Apontamentos da estrada romana nas proximidades de Rio de Fornos, até Soutelo ou Roboretum.

Terra onde há vestígios de edificação romana chama-se *Tórre*, Bronceda é ao lado da Tórre aonde appareceu a sepultura romana, estendem-se até Frades aonde havia uma igreja (ainda hoje está demarcado êsse sitio da Tórre à igreja).

O caminho da igreja seguia depois pelo sítio de Capeludo em direcção a Moade que era uma pequena povoação aonde existia uma família que tinha sete senhoras que vinham à missa de manto. A povoação era no sítio do Lombeiro. Caminho feito a pico, que era a estrada romana. Da igreja seguia pelo Capeludo aonde havia calçada, que foi desfeita pelo José Vicente Gonçalves de Rio de Fornos. O terreno da igreja possui-o João de Lomba.

No sítio de Moade, quinta do Morais, havia uma família de que vinham à missa sete senhoras de manto.

Próximo existe a propriedade de Agrellos que é grande.

De Moade segue a estrada próximo de Lama Susana até o ribeiro de Soutelo e daí ao Roboretum passando próximo dos pombais e por detrás da capela de S. Lourenço.

[Noutro papel avulso encontra-se esboçado um croquis que a julgar pela descrição parece ser o da Tórre, Bronceda «aonde appareceu a sepultura romana». Ao lado dêsse croquis há a seguinte inscrição]:

O IMM
 CLAVDOR
 M
 M M I M E
 A O

Próximo do Bairro do Carvalho, no sítio do Rogidouro, encontram-se os restos de outra de atalaia, já citada, que vigiava diversos

caminhos e principalmente o da Ermida. É evidente que esta torre, estando fora das vistas da de Roboretum, não deixava contudo de conjugar-se com as outras tôrres para fora dêle e se corresponderiam por sinais com qualquer outro ponto fortificado, talvez com o da Cidadelha (vulgo Ciradelha) de Vinhais, que foi sem dúvida fortaleza pre-romana e mais tarde occupada pelos romanos por ser um ponto militar importantíssimo.

Presume-se por vestígios encontrados que um ramal da estrada romana, partindo de Vila Verde por Prada, tocava na Cidadelha indo depois entroncar-se novamente em Vinhais.

Em 1872 encontraram-se ali cento e tantas moedas de prata de diversos imperadores.

Próximo desta fortaleza há uma extensa campina que o povo denomina Arrabalde dos Mouros, contando-se a respeito dêle várias lendas de mouras encantadas e leões de ouro.

Outros grandes castros se avistam do Roboretum, como o de Ouzilhão, o de Cabrões, denominado pelo vulgo Circa, próximo de Vila Verde.

A Cidadelha tem a forma elíptica; o planalto mede de Sul a Norte 119 metros e de Este a Oeste 85, tem duas saídas: a das portas do Sol a Este, cujo caminho, cortado na rocha, vai descendo por entre os penedos formando algumas curvas até encontrar a parte da cidade situada na planície passando pelo sítio do Ramalhedo se dirige aos pontões do rio de Trutas; e as portas da Lagoa que já citámos e que toma o nome de uma lagoa que se vê a 200 metros a descer para o outro bairro já mencionado e de que adiante falamos.

A quinze metros para o interior destas portas encontra-se um largo com um raio de 8 metros, que deveria ser a praça de armas, cruzada por duas ruas as mais espaçosas da Cidadelha que se estendem em sentido longitudinal e transversal. Outra rua da mesma largura vai em direcção oblíqua duma a outra porta.

Circunvaga a acrópole, cingindo-se com toda a muralha, outra rua mais estreita; no restante do terreno estavam edificadas dezenas de pequenas casas formando ruas muito estreitas, que se ligavam às ruas principais em diferentes direcções.

Medimos as ruínas de dois dêsses prédios. Um tinha 6 metros de largura por 7 de comprimento, e outro 4 de largura por 6 de comprimento; os restantes regulavam por êste tipo. As paredes tinham 1 metro de espessura, sendo construídas de pedra e barro. Ali encontramos fragmentos de cerâmica, de telha de rebordo, pôsto que o terreno não deixe ver tudo por estar coberto de erva e mato.

O segundo bairro

O Sr. Francisco José da Silva, irmão do falecido major Aurélio da Silva e Castro, morador na pequena povoação [Castro de Soutelo] que nos acompanhou dando-nos muitos esclarecimentos, disse-nos ter em seu poder uma pequena mó de moinho manual encontrada na fortaleza, e informou-nos também que numa terra sua tinham encontrado ao lavrar muitos fragmentos de canos de barro, que deviam ser do encanamento que vinha de Vale do Pereiro de que já falámos.

Descendo da fortaleza, a uns 400 metros dela, ensinou-nos, próximo da Lagoa, um sitio onde à superfície do terreno se encontram muitos fragmentos de telha de rebordo que poderiam encher alguns carros, e muito escumalho de ferro.

Presume-se que, como o recinto da fortaleza estava já tam aproveitado com a edificação e a carência de comodidades obrigasse os Romanos a construir edifícios para oficinas e outras acomodações. Mas não vendo no sitio pedra selta que tivesse servido para essas obras respondeu-nos que tinha sido removida para tapagem duns lameiros próximos e edificações das duas povoações vizinhas.

No mesmo sitio onde se encontram os pedaços de teijolo e telha romana ainda se vê um montão de pedras que dizem ter sido de uma capela da invocação de Santa Bárbara, que estando quási em ruínas, passando por ali o brigadeiro Domingos Augusto Gil de Figueiredo Sarmento ¹ em 1820, nessa ocasião desencadeando-se uma grande tempestade de vento e chuva sôbre êle o cavalo lhe estacara, não lhe sendo possível fazê-lo seguir; os raios fuzilavam derrubando frondosos castanheiros, e o intrépido brigadeiro, que não tinha vacilado diante do ribombar do canhão e da fusilaria dos exércitos naquelas épocas

¹ [O nome exacto é Domingos António Gil de Figueiredo Sarmento, proprietário da importante quinta da Rica Fé, subúrbios de Bragança, nascido na Mofreita, dêste concelho, a 2 de Março de 1772, bisavô paterno do actual delegado da República na comarca de Moncorvo, Dr. José Hipólito de Moraes Carmona. Domingos António Gil, o Bravo Gil das canções populares e literárias do tempo, tenente-coronel comandante de infantaria n.º 6 do Pôrto, foi, com Sepúlveda, a alma militar do movimento revolucionário de 1820.

Fez toda a campanha da Guerra Peninsular; ferido algumas vezes, estava em Almeida quando do pavoroso desastre desta praça. Soriano e Chaby referem-se ao Bravo Gil em vários lugares das suas obras, e *História Popular Ilustrada de Portugal*, de Pinheiro Chagas a p. 61 do vol. VIII, insere o seu retrato. Sôbre uma singularidade no brasão de armas de sua família ver o que escrevemos em o *Notícias de Bragança*, de 2 de Junho de 1913. — P.º Alves].

calamitosas, tremeu e julgou-se perdido: recorreu a Santa Bárbara que o ouviu e livrou do perigo.

O brigadeiro mandou erigir a capela que está na pequena povoação de Castro do Soutelo, mudando para ela processionalmente a milagrosa santa em cumprimento da promessa que fizera a Santa Bárbara pelo haver livrado do perigo.

Seguindo do *Roboretum* pela estrada romana passa-se o ribeiro de Trutas, e a poucos metros de distância entra-se na estrada nova, que está construída em parte sôbre a romana e que nos conduz a Vinhais.

Nesta vila diligenciámos encontrar o marco miliário que Grutero diz ter aí aparecido; não nos foi possível descobrir o seu paradeiro. O escrivão Lemos, de Bragança, afirmou-nos tê-lo visto em Vinhais em casa do Sr. Emiliano de Sousa. Pedi aos moradores da casa onde este habitou, mas nada descobri¹.

Dêste ponto se avistam restos duma torre próximo do rio, no sítio do Modorro, construída de pedra e cal. Sem dúvida vigiava os caminhos que vinham do Castro do Ouzilhão ter à ponte romana, de que ainda hoje se vêem os encontros no rio Tuela próximo do açude do moinho do Sr. Machado, de Vilar de Ossos.

Da ponte irradiavam caminhos para o lado desta torre e para Vinhais. É crível que outra estrada romana viesse entroncar à via militar de que estamos tratando, pelo cabeço de Castelares e Cabrões de que já falámos, seguindo a via militar até Soeira ao bairro de Cimo de Vila, aí apartava-se novamente na direcção da ponte de Ma-

¹ [Igualmente resultaram infructíferas as diligências que a nosso pedido fizeram os bons amigos P.^o José Firmino da Silva, Dr. Raúl Manuel Teixeira e Dr. Gilberto Beça de Aragão, respectivamente professor complementar, delegado do procurador da República e advogado em Vinhais. «Todos examinámos quantas cantarias há nas paredes ou dispersas na casa que foi de Emiliano de Sousa; nada achámos que se parecesse com um marco miliário».

O miliário já pelos anos de 1721 se não encontrava; no entanto, o que resta do seu letreiro e demos no tomo I das nossas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, p. 356, diz:

CONLAPSOS RESTITUERVNT
 ... Q DECIO LEG. AVG. PR. PR.
 CV..... VIA AVG.
 M. P. C.

quieiros, perto da qual fica o Castro do Lombeiro de Maquieiros¹. Dessa ponte segue-se para Espinhosela e Gondesende.

Seguindo nós a direcção da via militar romana chega-se à ponte velha de Soeira, ponte com três arcos, que era romana e que na Guerra Francesa foi cortada bem como a de Ouzilhão e a de Castrelos. A de Soeira foi reedificada por 1815 a 1820, segundo informações colhidas.

Esta ponte entesta com um outeiro inacessível excepto pelo lado norte, no cume do qual está um castro com defesa natural tendo pelo lado norte dois fossos e por outros lados muros em sítios.

A mencionada ponte dista da nova estrada rial 1 quilómetro para norte. Seguindo 450 metros encontra-se a povoação de Soeira, partindo pelo caminho velho vai ter-se à estrada nova no sítio da Estalagem do Diabo, termo de Castrelos. A uns 50 metros ao lado de cima da estrada no sítio de Carrizo (?) vê-se uma vinha com um pequeno casebre; quando se andava surribando o terreno para a plantação, o dono dela Francisco Rodrigues, de Castrelos, e os operários encontraram ao cavar uma faixa de terreno muito duro com a largura de 5 metros, arrancando blocos compostos de pedra e areia ligadas com uma substância que não era cal, mas muito dura (provavelmente cimento pelos romanos usado na construção das estradas).

Estas declarações vem comprovar que ali corria a via militar de que tratamos.

A uns 100 metros da vinha para o rio Baceiro encontram-se as ruínas (os encontros e um pègão) da ponte de Castrelos, a que já aludimos, a uns 30 metros por cima do moinho.

Feita a passagem para a outra margem do rio, defrontando-se com a ponte em ruínas, há outro castro do Cabeço de Castelos Velhos. Dizem na povoação dos Castrelos que é dêste sítio que deriva o nome da povoação. Neste Castro havia uma igreja dedicada a S. João e aí se encontrou nas ruínas em 1591 a sepultura do proconsul Caio Semprônio Tuditano, que tinha dentro uma pia de granito com 9:000 moedas de ouro do tempo de Antonino. Na povoação quando falam dêste proconsul dizem — o general romano².

¹ [Sôbre êste castro ver *O Arch. Port.* v, 14. — P.^o ALVES].

² [A inscrição da sepultura diz: SEMPRON. TUDIT. | MYMMORVM IX. M. Frei Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, 1626, p. 91 e sucessivamente transcrita no *Agiolôgio Lusitano*, ao dia 4 de Março; nas *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, de Argote. p. 169, onde mostra que não diz respeito ao proconsul Caio Semprônio Tuditano memorado na 4.^a Decada, livro 3.^o de Tito Lívio, como querem os precedentes, mas sim a um rico de nome Semprônio Tuditano. — P.^o ALVES].

Neste castro encontram-se muitas ossadas humanas e moedas romanas de diferentes imperadores, fragmentos de telhas de rebordo, mós marmórias, fibulas e moedas romanas de bronze¹.

Este ponto dominava a ponte.

Seguia depois a estrada pelo sítio do Carrigo do Ervedal em direcção à povoação, caminho que está desfeito desde há pouco tempo.

Segue-se pela povoação e nas proximidades da igreja ao lagar do concelho, toma-se à direita e vai-se passar um ribeiro e segue-se pela Chousa, próximo da Fonte do Velho, daí ao Paulo de Fontes (terras), a Vale de Centiares (terras), a Vale do Roupeiro, à ribeira de Prado Redondo, ao Castelo de Formil ou Fournal dos Mouros, que fica a 200 metros para a direita e mede de diâmetro 80 metros, mas está quasi perdendo a configuração.

Seguindo entra-se na povoação Formil, fora da povoação encontra-se a capela de S. Cláudio e no adro dela um cipo com a seguinte inscrição dedicada ao imperador Cláudio:

TI. CLAVDIO | C' AESARI | AUGGERMA | NICO. IMP². |

[Esta inscrição vem num papel avulso; o que porêem tem interêsse é a seguinte notação no mesmo exarada]:

«O padrão que eu achei DN IMP

Está outro debaixo do altar também funerário».

É evidente a importância desta notícia visto referir-se a uma lápide, ao parecer existente na capela de S. Cláudio, debaixo do altar, ainda não conhecida.

Sei, pelo ouvir ao próprio Celestino, que o [padrão é o miliário descoberto por êle e publicado por Albino Lopo (*n-O Arch. Port.*, VI, 148), que diz:]

D. N. IM. | CAE. AVG | M. VAL. | MAXIMI | ANO]

Continuando em direcção à ponte de Ariães que é romana na encruzilhada do caminho que seguimos e o que vai de Gostei para a povoação do Castro de Avelãs, a estrada romana seguia nessa encruzilhada para as ruínas da antiga povoação aonde estava a igreja de S. Sebastião e uma torre. Estes terrenos são hoje propriedade da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, que neles mandou fazer algumas explorações.

A via militar passava muito perto destas ruínas seguindo pelo sítio onde há pouco fizeram uns lameiros que tem tapagem de pedra. Daí chega-se breve a uma ponte romana de três arcos situada próximo do Castro de Avelãs sobre o rio Fervença, conhecida por Ponte

¹ [José Henriques Pinheiro, *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga*, 1895, p. 110. = P.^o ALVES].

² [Foi publicada por Pinheiro, no *Estudo, etc.*, pp. 4, 98 e 102, passando daquela ao *Supplementum*, de Hübner].

de Ariães. Nos campos próximos dela ganhou uma grande batalha o conde Ariães ou Aries Anes.

O túmulo dèste conde está meio metido na parede da igreja do antigo mosteiro de Castro de Avelãs, e tem a era de 1300.

Da aludida ponte, andando 300 metros, está-se no cume do monte do Castro, aonde se encontra outro Castro medindo na direcção Sul-Norte 230 metros, e de E. a OE. 220. Do lado OE. tem duas trincheiras, a distância da primeira ao Castro é de 10 metros e a da segunda de 20. Do lado E. tem uma trincheira de 10 metros. Êste grande Castro parece ter sido destinado a acampamento de grandes fôrças.

[Há num papel à parte um croquis sem indicação do terreno a que pertence, mas como concorda com esta descripção aqui a damos, fig. 1].

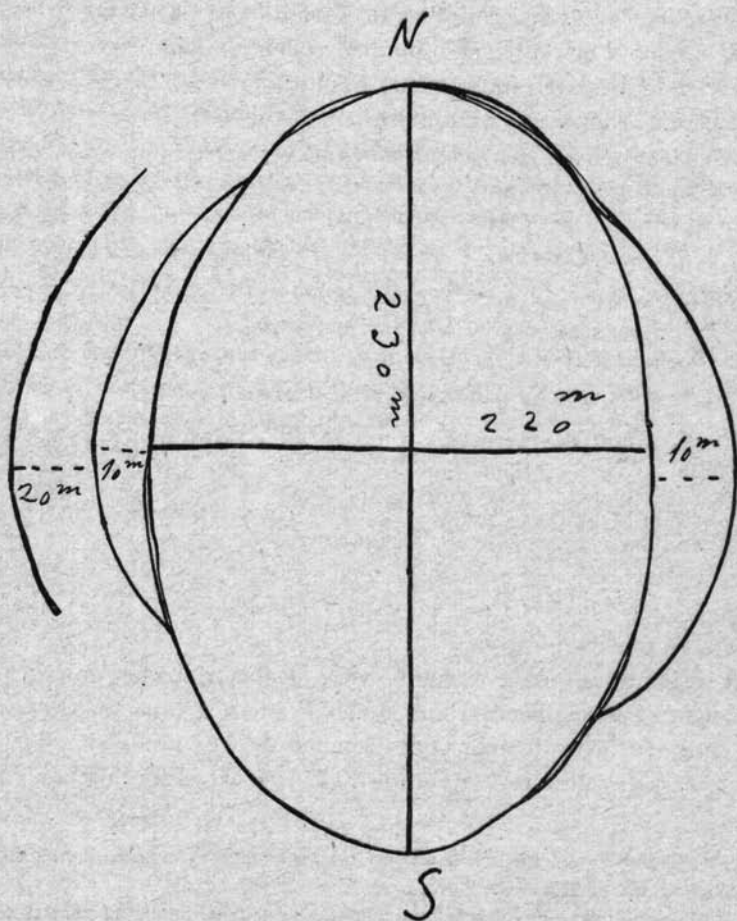


Fig. 1

Daqui continuando na direcção do Campo de Santo António, caminho do Sapato, Estacada, seguindo a estrada nova até apartar para a ponte velha sôbre o Sabor que é romana e tem arcos ¹.

Continuava a via romana pelo antigo caminho, que é cortado de onde em onde pela estrada nova até chegar ao caminho velho de Gimonde; são 2:450 metros; e seguindo-se êsse caminho velho está-se em Gimonde, que era a *Compleutica* onde appareceu o miliário de Caro.

[Há nos papéis de Celestino Beça uns apontamentos descriptivos da fortaleza romana contígua a Gimonde (*Compleutica*), mas de tal maneira confusos que nada acerto a tirar dêles; algo porém se pode ajuizar vendo *O Arch. Port.*, v, 136].

O miliário de Soeira, no concelho de Vinhais

Foi achado por mim [Celestino Beça] nas ruínas da capela de S. Sebastião de Soeira, concelho de Vinhais; está cavado de um lado para servir de sepultura. Tem um orificio a meio dessa cavidade, iguais a outros que se encontram e serviram para o mesmo, tais como os que se acham às esquinas da casa da Escola Distrital de Bragança ².

Próximo destas ruínas existem as de uma povoação romana no sítio chamado Vilar, onde se encontra telha de rebordo fragmentada, etc., mós de moinho manuais. É próximo do Castro da ponte de Soeira.

Acima desta ponte, 1 quilómetro, também dão o mesmo nome, porque ali havia uma ponte romana por onde passava a via militar romana. Isto próximo do Castro de Arnado.

Mandei pôr de pé o miliário, e o local em que ficou é ao fundo e perto da povoação da Soeira. O sítio provável aonde devia estar presume-se que fôsse dali a 40 passos, onde o caminho chamado das Cortelhas seguia para os Castros de Arnado e Castreljão. Entre estes dois castros existe uma grande área onde se encontram muitas telhas de rebordo, algumas inteiras, e tejos.

O miliário de Soeira tem a seguinte legenda:

TRIB. POT. XXI

O resto da legenda tinha sido inutilizada pelo selvagem que o mandou cavar para sepultura. Informou-me um amigo que, com as chuvas, as letras se vão tornando imperceptíveis ³.

¹ [Não aponta os arcos desta ponte. São três em ogiva de lanceta e toda de alvenaria sólidamente ligada por argamassa. Da sua romanicidade dissemos atrás. = P.º Alves].

² [Como estes miliários foram depois apropriados a sepulturas, os orificios serviam de escoamento das fezes cadavéricas. = P.º Alves].

³ [Como só há nove imperadores que exercessem 21 ou mais anos o poder tribunicio — Augusto, Tibério, Adriano, António o Pio, Marco Aurélio, Diocleciano,

Segundo de Compleutica (Gimonde) para Veniatia (Vinhas, Espanha).

Segundo de Gimonde (Compleutica) ao desembocar da ponte nova, onde existem os encontros de um pontão da época romana¹ e a capelinha de S. Sebastião, cortando pelo Marrão, que era por onde marchava a estrada romana, como nos esclarece o marco miliário que ali apareceu² e a que o povo chamava outrora marrão (marra grande); chegando ao alto (3,5 quilómetros) onde bifurca o caminho das Falgueiras, vê-se a 500 metros para o norte, no cume dum outeiro, uma fortaleza antiga conhecida pelo Castro de Babe. A povoação fica a nordeste 2,5 quilómetros. O castro mede de sul a norte 150 metros, de este a oeste 320 metros; a nordeste tem defesa natural inacessível.

A parte restante é cercada de muro de pedra solta. Do lado nordeste tem a cavaleiro três muros e seus fossos que ainda são bastante visíveis. O espaço compreendido entre eles é de 54 metros o primeiro, 124 o segundo e 92 o terceiro; o circuito superior tem 50 metros. Tem a sul uma porta e a SO. outra.

Seguia a estrada romana até a cruz das almas de Magide e adiante desta uns 125 metros tomava à direita pelo caminho da Réfega. Andados uns 400 metros, à esquerda da estrada, num pequeno cabeço onde existiu a igreja de S. Pedro, termo de Babe, onde convergiam a ouvir missa as povoações de Compleutica, Babe, Milhão e Palácios, por não haver outra³.

Nesta igreja foi sepultado Reburrito, porta-bandeira da segunda legião romana. A lápide funerária da sua sepultura e o marco mili-

Maximiano e Constantino o Grande — a alguns destes deveu pertencer o marco. A grafia, por obliterada, nada diz; no entanto, atendendo a que antes dessas palavras poucas mais cabiam, segundo informações do nosso amigo P.^o José Miguel Machado, talvez seja de Augusto como o de Castro de Avelãs ou do seu século, em que a sobriedade dos títulos imperiais deixava logo muito em cima nestes monumentos as palavras em questão, ao contrário da época decadente onde a fiada dos avengos e os epítetos — germânico, pártico, dáceo, tudo o máximo — as relegavam para mais em baixo. O monumento ainda se conserva de pé no lugar onde Celestino o mandou levantar. = P.^o Alves].

¹ [Dissemos atrás da sua romanicidade. = P.^o Alves].

² [O Arch. Port., v, 136. = P.^o Alves].

³ [A lenda de concorrerem muitas povoações à missa a uma igreja central geralmente em despovoado, por não haver outra, é mui freqüente. Segundo essa lenda à igreja do Babão perto de Aveleda, concelho de Bragança, de que hoje restam poucos vestígios, concorriam cinco povoações circunvizinhas. Idênticas tenho ouvido referentes a outros pontos. = P.^o Alves].



liário que esteve colocado por aquelas imediações, mais tarde aproveitado para sepultura que existiu na mesma igreja, indicam a directriz da estrada¹.

Estas pedras, documentos históricos (lápide e miliário) foram, há cerca de 60 anos, conjuntamente com mais pedras de granito, arrancadas nas ruínas da dita igreja de S. Pedro e levadas para a povoação de Babe, distante 4 quilómetros, pelos irmãos Sanches, para edificarem uma capela na sua casa de morada, e como um dos irmãos era padre e comprehendesse que aquelas duas pedras pertenciam a sarcófagos, respeitou-as e mandou-as colocar no adro da actual igreja de Babe, de construção moderna, donde foram transportadas para o Museu Municipal de Bragança, graças à proficua interferência do actual reitor Francisco Manuel Pires.

Continuando pela via romana a poucos minutos chega-se à canada da Igreja que atravessa os lameiros de Babe e dessa canada a um quilómetro para SE. vê-se a fortaleza da Castragosa em posição elevada e como que coroando o majestoso outeiro em que assenta. É um soberbo castro onde as coortes romanas assentavam os seus arraiais, e talvez no de Castragosa ou no Castro de Babe, a pequena distancia da igreja de S. Pedro, morresse o citado Reburrito, ou talvez na cidade de Compleutica que apenas dista da igreja três milhas e não em Babe, que a esse tempo seria uma pequena aldeia e nem ali se encontram edificações ou vestígios de ser habitada pelos romanos e jamais tendo de deixar qualquer dos dois arraiais citados principalmente Compleutica onde teria todos os confortos.

A fortaleza da Castragosa mede de norte a sul 90 metros e de E. a OE. 101 metros. De norte para OE. até sul cerca-a um fôso, pelo resto é inacessível. Encontrámos aí um bronze.

Atravessando a canada da Igreja deixa-se o caminho que vai para Babe, seguindo à direita vai-se ter à canada dos Babões. Ao sair dela, encontram-se uns caminhos que se dirigem para Babe, Milhão e Réfega, seguindo o desta povoação, um pouco adiante dela, segue-se para o caminho de Caulilha que vai ter ao rio Maças. Um pouco antes de terminar o caminho, ao lado esquerdo do caminho da Petada, há um conjunto de fragas dispostas em circulo e os pontos onde eram cortadas foram ligados por paredes, formando assim a pequena fortaleza da Petada.

¹ [O Arch. Port., III, 223 e IV, 342. = P.º Alves].

Encontram-se ali muitas pedras esféricas trazidas do rio com intuito de serem lançadas rolando como meio defensivo. Ao chegar ao rio seguindo a margem direita, encontra-se, um pouco abaixo, o pôrto ou vau da Madalena por onde dava entrada em Espanha, que haverá uns 30 anos que foi inutilizado por terem construído ali o açude de um moinho.

Fronteiro a êsse vau há as ruínas de um castro, denominando-se aqueles terrenos hoje Vinhais do Castro.

Abaixo da povoação de Quintanilha, nò sitio do Barrocal, defendendo o vau das Nogueiras (?) coexiste um outro castro isolado do cabeço do Barrocal por uma trincheira.

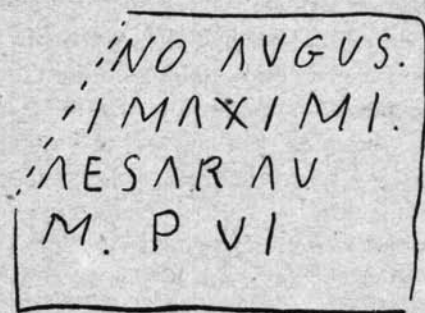


Fig. 2—Marco miliário de S. Viteiro, já fragmentado



Fig. 3—Lápide de Galegos

Defronta-se do lado da Espanha com os três castros da Petada, das Vinhas e do Barrocal—o cabeço do Pedroso, assim dito pelo conjunto de enormes pedras e fragas de granito. É um majestoso acampamento pre-romano, mais tarde aproveitado pelos romanos. Mede de noroeste a sueste 230 metros e de sueste a nordeste 181 metros. Do lado SE. tinha uma tórre circular destinada a almenaras.

(Dos apontamentos deixados por Celestino Beça não pode colher-se mais nada seguido relativamente ao seu traçado da via militar romana, apenas o seguinte em papéis avulsos).

Em S. Viteiro (Espanha) há o Castro das Vinhas a nascente da povoação e ainda antes, chamado só Castro que é muito grande (fig. 2).
Altura 2^m,10; grossura 1^m,53.

Em Galegos, campo de Aliste (Espanha) há o castro de S. Jorge. Adiante da mata de Galegos, no termo de Figueirolas, cêrca de 2 quilómetros de Maide e de Galegos passa próximo a via militar romana e ao pé de Maide há o castro da Paixão.

[¿Será lápide da fig. 3 o que vem noutro papel avulso indicada pela seguinte nota: «Em campo de Aliste entre Gallegos e Maide há um marco antigo com letras». Ou haverá outra?]

De Quintanilha [Portugal] vai-se a Vinhas [Espanha] por Nueze ou por Trabaços, S. Brás e Seixas.

De Vinhas a Manbuey vai-se a Codeçal, Peique e são 7 léguas.

De Manbuey vai-se a Penilha, Castro Contrigo, Quintana, Astorga.

Veniata — Vinhas [Espanha].

Petavonium — Manbuey [Espanha].

Argentiola — Quintana del Marco.

Astúrica — Astorga.

Antes de Quintana adiante de Castro Contrigo fica Muelas e um quarto de légua antes de chegar a Muelas há um marco miliário ao pé de uma fraga.

Miliário de Nueze

Em casa de Inocência Domingos, 500 metros antes de chegar à encruzilhada da Malha de Nueze estava o marco miliário.

[Esta notícia em papel avulso. Noutro papel há, cosida por Celestino Beça, uma carta de Ambrósio Tôrres, datada de Nueze aos 22 de Setembro de 1901, em que lhe diz: que lhe manda «el cloquis de una piedra que descubrimos em S. Vitero»; que «la rraya de la derecha piquena que pasa por lo E., le falta»; que embaixo tem «um becerro» com as «pernas rrotas».

[Ainda cosido com êste mesmo papel e carta há um croquis, evidentemente o mencionado na carta e é a fig. 4. É evidente que se não trata de um miliário mas sim de uma lápide funerária; certamente que o engano foi devido à ignorância de quem lhe forneceu a notícia].

Estrada de Mourisco, de La Reina ou das Donnas

No n.º 1, primeiro ano do *O Archeólogo Português*, a p. 11, o Sr. José Leite de Vasconcelos faz um apêlo aos leitores daquela publicação para o elucidarem no que lhe fôr possível acêrca de umas antigualhas do séc. XVIII em terra de Miranda, entre elas a estrada chamada *O Mourisco*, que passa pela povoação de Malhadas e que é tradição que se pode transitar por ela sem entrar em povoação alguma da côrte dos Católicos Reis para a do nosso Fidelissimo Monarca.

Quando estive em Mogadouro foi a primeira vez que ouvi falar na estrada *O Mourisco* dizendo-me que ela saía de Madrid e discorria até Lisboa, e afirmam pessoas idóneas que efectivamente é esta a verdade.

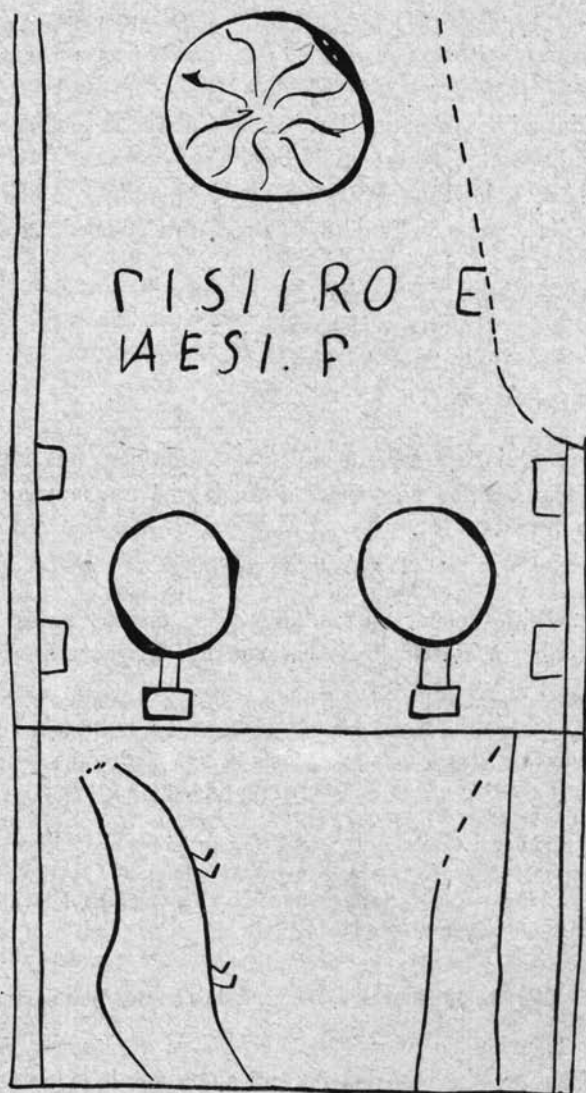


Fig. 4

É provável que algumas das povoações por onde ela passava a sua população tenha aumentado, e por consequência a edificação de prédios urbanos tenha ocupado os lados da tal estrada.

Lendo *O Archeologo* e vendo o pedido do erudito mestre e amigo, consultei cavalheiros, que se dignaram corresponder à minha velha amizade, e com os valiosos subsídios de suas informações concernentes ao assunto e com o que observei quando jornei por parte dela pude coligir os nomes dos sítios por onde ela passava e bem assim das povoações próximas que servia, que passo a mencionar.

Partia de Braga por Guimarães, Vizela, Amarante donde por Cidadella nas faldas do Marão se dividia em dois braços, um dos quais ia para Panóias de Vila Rial e outro para terras de Caria e dali para toda a Beira, Riba-Coa e depois descendo a Foz-Coa vinha ao Pocinho pelas Bandeiras, à Capela de S. António de Moncorvo, Roboredo, Quinta de Mindelo, Quinta de Lauzelas, Cabeço da Mua, Castinheiral de Carviçais, próximo de Carviçais, hoje em consequência de edificações modernas passa na povoação. Costa do Barro Branco, Quinta da Macieirinha, Lameiras de Vale de Ladrões (termo de Fornos), Carvalho da Lagoaça, Ponte dos Almoereves, Atalaia, termo de Bruçó, * Serra de Gajope, Prado dos Reis, Calçada de Vilar do Rei, Urreta Mourisca, Ponte do Mourisco, (pequeno pontão), Eiras de Paçô, Lastras de Vila de Alla, Pontão de Thó (novo), Fornos de Telha, Lagoa de Thó, Pinhal de Brinhozinho, * Pena Mosqueira, termo de Sanhoane, a 3 quilómetros do povo. Da Pena Mosqueira vai um ramal por Vale de Unfiz, Valdrugueira, Brenha do Cazarelhos no sítio da Devesa, dali a S. Tiago e termina no Mogadouro.

Eiras da Canada de Brinhozinho, Vale de Sendim, Cruz da Bandeira. Deixa o termo de Brinhozinho e entra no de Urrós no sítio das Penas Turvas, Vale de Mourisco, Cabeço Obreiro. Entra no termo de Sendim de Miranda, perto da capela de S. Sebastião, junto à cortinha de Vale de S. Pedro, pelo meio das Eiras ou prado de Sendim, baixando pelas proximidades da presa, deixando a propriedade do Valentim [Guerra?], Ponte de Vale de Carrasco (pontão pequeno) à Marra de Prado Gatão, depois a meio quilómetro da capela da Senhora da Trindade, termo de Fonte Aldeia. Entra depois no termo de Duas Igrejas na tapada de Piçoulos, Fonte dos Asnos, segue próximo da Quinta da Urreta da Silva, Lagoas de Malhadas, passa pela retaguarda da Senhora do Nazo e ao fundo da povoação de Constantim, deixando o lugar à direita, vai passar ao cimo do povo de Cicouro, passa a raia de Espanha encontrando a cazeta de carabineiros, entra na estrada rial que utilizou o terreno do Mourisco, segue até Bebineira, povoação espanhola e segue até perto da vila de Alcanices, Cruz da Canda, Malhada do Marco, limite de Forninhos, Venta de los Guevos, Laguna de los tres muertos, Monte de

Vila Campo, Ponte de Ricobaio, Monte de Concego, Era del Puerto, Fuente de la Salud, Alto de Guimarem, Moralles, Sanciones, Legos, Moralles de Toro, Tordesillas, Roeda, Medina del Campo.

[Êste sinal * indica informações, apontamentos, notas colhidas de momento, certamente fornecidas por pessoas da localidade, que se encontram espalhadas por vários papéis avulsos sôbre a passagem da Estrada Mourisco por êsse sítio e por isso lhe dão mais autenticidade. = P.^o ALVES].

**Da mesma estrada de Mourisco dá Celestino Beça
o traçado por esta forma a partir de Lisboa**

De Lisboa	Espinhal
À Portela	Venda do Corvo
Sacavêm	Foz de Arouca
Póvoa	S. Miguel de Poiares
Alverca	Ponte da Murcela
Alhandra	Cortiça
Vilã Franca de Xira	Moita
Povós	Venda do Vale
Castanheira	Venda do Porco
Vila Nova da Rainha	Galizes
Azambuja	Chamusca
Muro do Conde de Aveiro	Saragoça
Cartaxo	Forrocelo
Ponte Sêca	Macieira
Santarêm	Pinhanços
Às Barrocas	Vinhó
Ponte de Alviela	Sampaio
Ponte de Almendra	Vila Cortês
Golegã	Carrapichana
Ponte de Pedra	Cortiçó
Vale de Tancos	Celorico da Beira
Guerreira	Forno Tilheiro
Tomar	Fiães
Venda Nova	Trancoso
Ceras	S. Martinho
Pereiros	Rabaçal
Cabaços	Quinta de Marvão
Bargueiro	Vila Nova de Foz Coa
Vendas de Maria	Pocinho ¹ .

¹ Segue-se agora como fica atrás apontado.

[Tradição da passagem da Estrada Mourisco noutros pontos

Escolhi esta epigrafe para reunir aqui alguns apontamentos que Celestino Beça deixou a êsmo em papéis avulsos sôbre a Estrada das Donas ou Mourisco. Seguem êsses apontamentos]:

De Gimonde a Estrada das Donas ia às Salgueiras ou Lama da Velha, a Jucedelo, à Castrigosa (já no termo de Babe) aos montes da Réfega, Senhora da Ribeira.

Freixedelo Castro de Freixedelo... [ilegível].

da Estrada dos Mouros ou das Donas conhecem-se vestígios.

Sanhoane. Há o Castro Gel que fica ao nascente da povoação, a 100 metros da Estrada Mourisco.

Pôrto Calçado [S. Julião?] ao Castro de Vinhais 12:000 metros, indo pelo caminho de la Reina ou das Donas¹.

Apontamentos diversos

[Sob esta epigrafe reunimos vários apontamentos esparsos pelos papéis de Celestino Beça; notas de momento dadas por informadores locais, sítios do termo com nomes de carácter arqueológico. É de advertir que se trata de povoações do distrito de Bragança e de poucas do de Vila Rial pertencentes ao concelho de Valpaços].

CAPELA DE S. TIAGO.—Justino Vitorino Guide, cabo reformado, foi quem me indicou aonde era a capela de S. Tiago na vila ou cidade de Bragança. Era na actual alameda ao sul do pelourinho 6 metros².

COVA DE LUA—Castro da Devesa, conhecido também pelo Castro dos Cazarelhos. Houve uma capela próximo do Castro, ainda existe o portal, era da Senhora da Edra. A uns 800 metros dêste sítio há

¹ [Não há dúvida que existe a tradição desta estrada dita de Mourisco, de la Reina ou das Domnas, Donnas e Duenhas, como variadamente ouço dizer. Em S. João e Gimonde, concelho de Bragança, e no Mogadouro, ouvi eu falar nela indicando-me até *in loco* os sítios por onde passava, que na verdade são evidentes em parte. Mas sendo tam viva a tradição em Gimonde e S. Julião, como muitas vezes tenho notado, devemos concluir, visto afastar-se da directriz atrás apontada, que se trata dum ramal.

¿Terá a Estrada de Mourisco ramais e muitos? ¿Andará ligada a ela a lenda doutras estradas, como por exemplo as romanas? Justifica esta suposição a tradição de Gimonde e S. Julião onde, evidentemente, mais ou menos próximo passou a via romana. =P.º Alves].

² [A determinação do local preciso onde ficava esta capela tem sido objecto de não pequenas averiguações. Vide as nossas *Memórias Archeológico-Históricas do Districto de Bragança*, I, 316 e 340 e II, 307. =P.º ALVES].

uma planície a que dão o nome de Campo das Guerras. No cunhal da porta da igreja de Cova de Lua há esta inscrição¹:

J h
110
b ce

FREIXO DE ESPADA-À-CINTA.—Na casa de Cipriano Chiote a seguinte inscrição:

REGNANTE DIVO JOHANE CONS
TRUCTA FUIT HOC PRAETORIA DOMUS
IDUS TRIA L^{TI} DIDACI L^{CI} HUIJUS
OPPIDI JUDICIS DE FORA

ANNO XPI 1529

AZINHOSO.—A inscrição do altar de S. Miguel desta vila do Azinhoso diz:

AQUI JAZ LUIZ ENNES
DA MADUREIRA.
VIGARIO GERAL DO SNR. DOM
FERNANDO, ARCEBISPO DE BRAGA.

LAMA DE OURIÇO, concelho de Vale Passos.—Capela de Santa Cristina, há grandes vestígios de fortaleza romana.

VILA NOVA DO MONTE.—Por cima de Lama de Ouriço, fortaleza muito grande, muito grande (*sic*).

FRADIZELA, concelho de Valpaços.—Facho da Frazidela. O facho é além do rio Tuela. Ciradella [local ou sítio do termo com este nome?]

LAMPAÇA, concelho de Valpaços.—Senhora da Ribeirinha, castro ao pé de Picões.

RIO FRIO, [de Outeiro, concelho de Bragança?], Medorro, Medorros.

VEIGAS, concelho de Bragança.—Acima das Veigas há um facho.

¹ [Pelo que toca ao Castro dos Cazarelhos, ver José Henriques Pinheiro, *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga*, p. 113. Pelo que respeita à lápide da deusa Bandua e mais encontradas perto da capela da Senhora da Era, vid. José Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, II, 337, onde se cita a larga bibliografia a este propósito. Ver também o vol. II das nossas *Memórias Archeológico-Históricas do Districto de Bragança*, pp. 351 e 353, que aponta monumentos não divulgados. = P.^o ALVES].



PARADA, [concelho de Bragança?].—Castelo dos Mouros no sítio de Vale do Sio com 350 metros de circunferência. Praça no sítio de Arraiz com 500 metros de circunferência. Castelo de Avelino na fortaleza de Parada. Cidadella. Castro Mau, é defronte do Outeiro, Castrilijão, Castro dos Cunqueiros, próximo da quinta da Avelaira, Castro do Estrepelgo, Castrelinho (à fraga do Cavaleiro).

FREIXEDELLO.—Castro de Freixedelo (ilegível) da estrada dos mouros ou das donas conhecem-se vestígios.

GRILJÓ, concelho de Bragança.—Castro perdigoto, defronte do Rio Frio. Penedo da Ciragata.

PINELAS, concelho de Bragança.—Castelo de Alfenim.

ARGOSELO.—Castro de S. Bartolomeu.

VALE PRADOS DAS MURIAS (próximo), castro de Mismil ou Santa Jusenda¹.

QUINTELA DE LAMPAÇA, concelho de Bragança.—Cidade da Terronha. [Ao pé de Pinhovel, concelho de Macedo de Cavaleiros, também há um alto chamado Terronha onde tem aparecido abundantes vestígios da civilização romana]².

VALE TELHAS.—Castro de Vale Telhas, Cabeço dos Mouros.

CASTRO DA MONCHICURA ou Quintas da Freixeda [?].—Tinha dois muros.

BOUÇA.—Castro dos Cazarelhos, castro da Bireira.

LAGOAÇA.—Castro da Lagoaça no sítio do Salgueiral a 1 quilómetro a sul da povoação da parte do Douro; é uma altura a pique com muitos calhaus postos a pique para defesa da cavalaria e infantaria.

TINHELA, concelho de Valpaços.—O Castro de Tinhela é grande³.

VALE DE SALGUEIRO.—Muradella.

VALPAÇOS, concelho de Vinhais.—Ao pé do rio Rabaçal tem Castrilijão e em correspondência com elle tem o Facho indo para as Palas.

REBORDELO.—Ao pé da Senhora da França um castro conhecido pelo Muro onde há a fraga da Vela, assim dita porque serviu de atalaia.

AGUIEIRAS.—No cabeço da Senhora do Monte encontra-se a fortaleza dos mouros que foi occupada pelos romanos.

SANHOANE.—Castro Gel, fica ao nascente da povoação, a 100 metros da Estrada Mourisca e tem próximo uma anta. Há nesse

¹ [Vid. *O Arch. Port.*, v, 114. = P.^o ALVES].

² [Vid. as nossas *Memórias Archeológico-Históricas do Districto de Bragança*, I, 356. = P.^o ALVES].

³ [Idem, p. 355. = P.^o ALVES].

castro vestígios de edificações e encontram-se nele mós manuárias e telha de rebordo.

SALDANHA.—Cabeço do Ouro onde há ruínas de povoação antiga que foi constituída mais abaixo no sítio do Castelo, onde tem aparecido moedas antigas.

MILHÃO.—Tem a poente Castro.

VILAR.—Entre as Quintas de Vale de Prados e do Vilar há um castro.

CALVELHE.—Castelo dos Mouros, fica a nascente de Calvelhe. Pelo sul e nascente tem uma encosta por onde a defesa é natural.

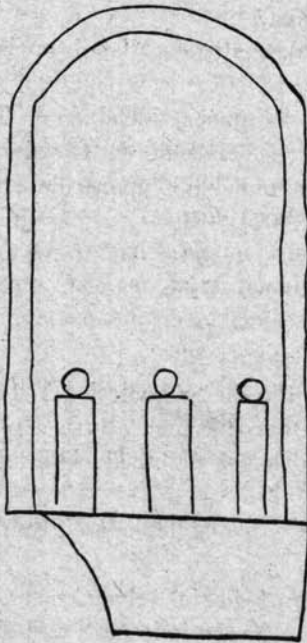


Fig. 5



Fig. 6

Fica-lhe em frente uma série de morros. As muralhas encontram-se desmoronadas e tem um morro junto do qual, pela parte do norte, se descobre um fôssco que parece ser um poço. Pela parte sul tem um pequeno declive. 280 metros de circunferência.

BEMPOSTA.—Castro de Oleiros, uma necrópole aonde se encontraram 11 lápides funerárias, uma está na varanda do abade, Buraco dos Mouros. Nas Solheiras, termo da Bemposta, há uma fraga com degraus lavrados na fraga, há uma gruta conhecida pelo Buraco do Padre António que poderá ter 3 metros quadrados.

Lápide em casa do abade da Bemposta colocada ao lado direito da escada da varanda. Apareceu no Castelo de Oleiros com mais dez. Vestígios de casas com telhas de rebordo¹.

CELESTINO BEÇA.

**Correspondência epistolar. Extracto essencial
das cartas encontradas no espólio de Celestino Beça
que lhe foram dirigidas por indivíduos a quem pediu informações**

De *Emilio Hübnner*. Berlim 4 de Março de 1900. Diz: que *Roboretum* significa «carvalhal», mas como há muitos locais dêste nome em sítios diferentes, não serve para fixar a estação dêste nome; *Compleutica* vem de *Complutum* que significa «local exposto à chuva», mas que não tem relação nenhuma com confluente ou locais onde duas ribeiras se juntam; que *Petavonium* é nome de origem céltica e que muitos colocam a cidade dêste nome em Sansueña, entre Resinos y Santibañez de Vidriales, mas não sabe com que fundamento; que há um único meio para fixar as estações das vias romanas, e é seguir seus vestígios no terreno, medir as distâncias e compará-las com os miliários que restam descritos pelo padre Capela «dans son bel ouvrage de 1895»²: que as combinações sobre as cartas geográficas tem apenas valor limitado.

Outra do mesmo, datada de Berlim a 22 de Março de 1900. Diz: que é provável que tivesse havido uma estrada romana directa entre Zamora (Oculum Duri) até Braga, se bem que não vem indicada nos itinerários antigos; que de Zamora a Astorga havia via romana passando por Benavente; que dos miliários é necessário tirar fotografias ou calcos pois que as cópias à mão não tem valor.

De *José Maria Machado*. Barreiros, concelho de Valpaços, 5 de Março de 1900. «Respondendo à tua estimada carta direi o que a tradição me transmitiu. A via romana de Chaves a Bragança que era ou seguia como vou expor.

Passava o rio Mendo (hoje Rabaçal) e pela Quinta do Barco, que é aquela em ruínas junto da ponte do Vale Telhas, e que ali havia uma barca, talvez derive daí o nome da quinta, seguia direita à Cidade de Pineto (V. Telhas) depois à Bouça ou próximo; Fradizela e

¹ [Sobre o Castelo de Oleiros ver *O Arch. Port.*, III, 73. = P.º ALVES].

² [*Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, por Martins Capela, Pôrto 1895. = P.º ALVES].

desta virava às proximidades da Ribeirinha, depois ao pequeno pontão, até à Ponte da Pedra, daqui a Vila Nova, Argana e desta, dando uma grande curva até próximo das Falgueiras, marchando ou antes costeando o sêro de Penhas Juntas, ia passar ao portal do mesmo nome.

A ponte do Vale Telhas ou do rio Mendo parece não ser obra dos Romanos, mas sim dos Árabes, pois a construção parece muito àquém dêsse tempo. Não tem um sinal pelo qual se conheça a antiguidade, apenas tem uma cruz com semelhança às dos antigos pintos (moeda).

A demolida Quinta do Barco também não dá notícia, isto é, não tem sinal que possa orientar de cousa alguma.

A da pedra, parece, pela sua construção mais antiga, isto quasi que, além que não tem inscrição, dá a entender que seria dos Romanos, além que tem uma era de 1026, que tanto podia ser da construção como de algum reparo.

Na distância da ponte do Vale Telhas e da Pedra ainda há vestígios dessa via militar, hoje intransitável, mas aqui e além deixam ainda conhecer que foram transitáveis.

Castros nada digo porque não tenho certeza, só encontro na margem esquerda do rio Mendo uma colina com alguns indícios mas não me parece ser de Romanos, antes dos Árabes. Há na vertente noroeste e norte um monte de pedras em linha que podia ser muro, e, em algumas fragas, cavidades feitas à mão que serviriam para pastores, outra mais plana com cinco mais separadas que indico ser a tenda do chefe, ou rial; não encontrei inscrições ali. Na margem esquerda do Tua há outro próximo do termo do Vale de Prados, êste dá indícios mais dos Romanos em consequência dos seus muros serem mais extensos e dobrados.

Padrões só tenho visto por aqui o de Vale Telhas, nem me consta que houvesse mais. A-pesar-de ter percorrido toda esta área como caçador não encontrei inscrição alguma; apenas no alto do ladeiro de Bouça uma era ou duas mas que é talvez a data em que foi feita a calçada que desce para o rio Mendo.

Em Vale Telhas há numa casa pedras com feitiços que foram do tempo romano».

De *Manuel Joaquim de Campos*. Lisboa. Várias cartas entre 1902 e 1904. Dá informações sôbre assuntos de Arqueologia e Numismática e agradece, em nome do Dr. José Leite de Vasconcelos, os objectos oferecidos ao Museu Etnológico Português.

De *Domingos Gonçalves Xavier*. Vila da Ponte, 17 de Fevereiro de 1902. Diz: que a estrada de Braga a Chaves passa nas povoações seguintes: Venda Nova, Codeçoso, Pondras e Vila da Ponte; que no termo de Vila da Ponte há um sítio denominado Barrageiro e nele um marco da estrada dos romanos e «onde ela passa outro chamado Cruz de Laranque também dos romanos»¹.

De *Mariano Vega Gonzales*. Astorga, 23 de Março de 1902. «Respecto á la via militar no lo puedo decir mas que partia de aqui [Astorga], á Santiago millas y á Palacios junto á la Puebla de Sanabria ó á la misma Puebla y atraviesa la ribera junto á la qual esta Oternelo y Castrillo de los moros y en Castro contrigo atraviesa un pinar de más de doce quilómetros de longitud: nada mas datos se pueden dar de esa via tan antigua que continua hoy todavia como un simple sendero para venir de la Puebla á Astorga respectivamente.

Los pueblos mas principales que pasa la via militar antigua partiendo desde Astorga son: Piedralva, Oternelo, Castrillo de los nabos, Santiago millas (pinar), Carbajalinos, Doney e á la Puebla de Sanabria donde aqui hay unas catorze leguas».

De *António Manuel dos Santos Seca*. Vilarandelo, 3 de Fevereiro de 1903. Diz: que remete cópia do padrão; que o Castelo dos Mouros porque pergunta é a dois quilómetros de Vilarandelo; que tem aproximadamente 600 metros e os muros 3 de espessura: que nada tem que prenda a atenção — montes de pedra e nada mais; que ao sítio do Castelo chamam a Muradelha; que o caminho do Vale de Casas ao Castelo é Paraganha, Lama do Vale. De Vilarandelo ao Castelo é o Rebentão pelo norte e do sul a Cívidade; que há outro Castelo ou Muradelha entre Agurdela e Tinhela nas mesmas condições a que chamam Castra e o caminho é Almaçor e Montravesso; que há outrò entre Sá e Lama de Ouriço, ao qual parece que lhe chamam Facho; que logo que termine a faina do azeite lhe mandará *Contos dos Mouros*².

De *Francisco Atienza y Cobos*, tenente-noronel de infantaria, empregado no ministério da Guerra. Madrid, Fevereiro de 1903. Indica o modo como se há-de dirigir ao ministro da guerra a fim de obter licença para fazer investigações de Zamora a Astorga sôbre a tra-

¹ [Argote, *Memórias do Arcebispado de Braga*, II, 576, n.º 942].

² [Idem, 301, II, 494, 607. Martins Capela, *Miliários*, p. 154. Em Vilarandelo há dois miliários, vi-os em 1909, estão, para vergonha nacional, a defender os carros nas esquinas de duas casas!!! Aqui del-rei a quem competir pôr olhos de ver nestas cousas].

jectória da via romana. Noutra de Março de 1901 fala-lhe dum *Mapa Balnear* que projecta publicar¹.

Sobre este particular das águas há uma carta de Alfredo Luís Lopes, Lisboa, Setembro de 1890. Diz: que só conhece a análise sumária feita por Ferreira da Silva [químico do Porto] das águas do Alfaião [concelho de Bragança]; pede mais elementos sobre essas águas e seus efeitos terapêuticos para os incluir na segunda edição que projecta do seu livro².

De *José Leite de Vasconcelos*. Várias cartas entre 1903 e 1904. Agradece o artigo que lhe mandou para *O Archeologo* e os objectos que lhe enviou para o Museu Etnológico, pelo que será considerado benemérito do mesmo. Numa, de 30 de Outubro de 1903, pede-lhe os objectos arqueológicos de prata, que lhe mostrou em Bragança, para o dito Museu. Noutra, sem data, diz: que recebeu a pedra de Vale Telhas com que ficou muito contente; que «agora com a mudança da política seria possível obtermos as duas porcas. [¿Dónde serão estas duas porcas?] Os de Coelhooso estão a sonhar. ¿Como hei-de eu dar 25:000 réis por um mostrengo? e o transporte ainda em cima!».

Além destas há muitas outras cartas dos seguintes indivíduos escritas entre 1900 e 1905: Martins Capela, de Braga, arqueólogo distinto e professor liceal; Luís Maria da Silva, do Azinhoso; Albino Augusto Alves, de Soeira; João Maria Romano, de S. Pedro Velho; António Manuel Vaz Fernandes, de Vale Telhas; António Ferreira Sarmiento, de Mirandela; Albano de Jesus Dias, de Boticas; Domingos Afonso Fernandes, de Alturas; Narciso Augusto de Morais, empregado das obras públicas; Ambrósio Tôrres, de Nuez; Alfonzo Rodrigues Aguilar, pároco de Manboey; Pedro Carro, catedrático do Seminário de Astorga; Francisco Serra, catedrático do mesmo e António Luís Vidueira, reitor e canónigo de Astorga.

Todas estas cartas versam assuntos ou notícias arqueológicas, e deixam supor o empenho que Celestino Beça punha no caso; mas como não contém espécie particular que faça ao nosso propósito e julgemos necessário arquivar para esclarecimento de futuras investigações, abstemo-nos de as extratar.

CELESTINO BEÇA.

¹ [O mapa, a que se refere, foi depois publicado em Madrid em 1903, e tem por título: *Mapa y Consultor Estadístico hidro-minero-medecinal de la península Híberica*. = P.º ALVES].

² [Este livro tem por título *As águas minero-medicinaes de Portugal*. Lisboa 1892. = P.º ALVES].